



DELMIRO GOUVEIA OLVIDADO? UMA ANÁLISE SOBRE A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Josiêlda de Cristo Silva
Graduada em História – UFAL
josieldacristo@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo apresentar uma discussão sobre a importância da perpetuação da memória, analisar como a historiografia é de suma importância para auxiliar nessa perpetuação, para isso, será analisado a produção historiográfica produzida em torno do indivíduo de Delmiro Gouveia, empreendedor nordestino que viveu entre 1863-1917, deixando inúmeras proezas para gerações seguintes. Averiguando como ocorreu/ocorre a aparição dessa personalidade a partir do ano do seu falecimento até o presente ano de 2019, discutindo também os anos que esse nome aparentou desaparecer das mídias, sendo assim, demonstrando um possível esquecimento. E analisando a importância das instituições acadêmicas para a preservação e recuperação da memória.

Introdução

É de conhecimento geral a importância das memórias para as construções históricas. As memórias são responsáveis por manter inúmeros momentos importantes preservados, seja, momentos importantes para apenas um indivíduo ou para um grande coletivo de pessoas. A partir dessa ideia a memória pode ser dividida em dois principais pontos, a memória individual e a memória coletiva, a individual sendo construída a partir de um conjunto de experiência de apenas um indivíduo, e a coletiva sendo construída a partir da memória de inúmeras pessoas sobre um mesmo fato, sobre essa ideia Pollak (1992) afirma:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20, 30 já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.201)



Ou seja, as memórias são uma construção mutável, flexíveis que estão sujeitas a modificações, principalmente as memórias coletivas.

As memórias são construídas basicamente através de dois fatores, são eles os momentos vividos pessoalmente e os momentos vividos por tabela. Segundo Pollak, 1992, os movimentos vividos por tabela são:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se fomos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p.201)

Essa memória herdada é facilmente identificada nas tradições culturais, nas celebrações de datas importantes para a comunidade, na qual as tradições são passadas para os mais jovens com o intuito que eles deem continuidade a celebração e a perpetuação da memória. A memória também possui um fator essencial na formação da identidade do indivíduo e da comunidade.

Assim, como a memória é uma construção sujeita a diversas mudanças a identidade também é uma construção que está em um constante processo de mudança, a identidade é formada através de um conjunto de atributos culturais e sociais com significado para o indivíduo e para a comunidade, a identidade é a forma que a pessoa se enxerga dentro de uma sociedade e como ela enxerga a sociedade a sua volta.

A partir desses conceitos sobre memória e identidade e afirmando que a memória é um fator de extrema importância para a formação identitária, surge as análises sobre como a preservação das memórias é importante para as sociedades e culturas e como realizar a propagação da memória de uma forma que seja afastado as chances de um possível esquecimento sobre os temas que se fazem essenciais para a sociedade, mas especificamente analisando a importância do uso e propagação das memórias a partir de um personagem importante para a História social de um lugar.

Delmiro Gouveia



Delmiro Augusto da Cruz Gouveia é um importante personagem da história industrial brasileira, ele nasceu na cidade de Ipu-CE no ano de 1863, filho de Leonila Flora da Cruz Gouveia e Delmiro Porfírio de Farias, mas não chegou a conhecer o seu pai, pois esse morreu no ano de 1867 na guerra do Paraguai, devido as circunstâncias trágicas a família retornou para o Recife e Leonila se viu obrigada a trabalhar para sustentar seus filhos, assim, ela começa a trabalhar como doméstica na casa do Dr. José Vicente Meira de Vasconcelos, com quem veio a casar pouco antes de morrer em 1877 deixando Delmiro aos cuidados do seu padrasto, porém apesar de Delmiro ter apenas quinze anos na época ele decidiu não ficar na casa do seu padrasto, saindo para enfrentar a vida sozinho, como destaca Nascimento(2014):

Vê-se, por esse ato de Delmiro, que a independência era um traço de seu caráter. Em vez de acomodar-se à situação de enteado aceito e mantido pelo padrasto, podendo, inclusive, completar seus estudos formais numa cidade que punha à disposição de quem quisesse e pudesse até o ensino superior, preferiu aventurar-se na vida por conta própria, com uma escolaridade cujos pormenores são praticamente deixados à margem pela maioria dos seus biógrafos (Nascimento, 2014, p. 45).

Após deixar a casa de seu padrasto Delmiro se aventura no mundo dos negócios, sem ter concluído os seus estudos, e começa trabalhando na Brazilian Street Railways Company como bilheteiro, muito aplicado logo conseguiu o cargo de chefe da estação, contudo disposto a procurar outras oportunidades, logo começa a trabalhar como despachante comercializando algodão e peles de animais a serviço de outros, que era um comércio bastante próspero na época. Delmiro percebendo o crescimento desse mercado resolve fazer um investimento e começa a viajar para o interior a fim de comercializar esse produtor, enquanto viajava para o interior estabeleceu um núcleo dos seus negócios em Pesqueira, onde conheceu Anunciada Cândida de Melo Falcão com quem se casou em 28 de agosto de 1883, nessa época o capital financeiro de Delmiro já estava em progressiva ascensão e ao se mudar com sua esposa para o Recife adquiriu um palacete ao qual deu o nome “Vila Anunciada” como forma de homenageá-la. Os biógrafos de Delmiro relatam a grandeza do seu palacete e a vida nobre que ele possuía, como relata Nascimento (2014):

Segundo relato de seus biógrafos, o palacete de Apipucos tinha luxuosos salões e paredes decoradas por artista francês e os banquetes ali oferecidos ficaram famosos pela excelência das comidas e pela gentileza dos anfitriões. Por esses e outros dados da biografia de Delmiro pode-se facilmente perceber o refinamento urbano de um homem oriundo de situação familiar bastante acidentada que fizera sua trajetória de



trabalhador em meio às classes populares, rurais na maior parte do tempo (NASCIMENTO, 2014, P. 48).

A partir desse trecho podemos constatar duas coisas, a primeira que Delmiro mesmo sem o apoio financeiro do seu padrasto conseguiu prosperar na vida financeira, e a segunda como Delmiro ter prosperado torna-se algo incomum devido a sua péssima trajetória educacional, surpreendendo até seus biógrafos, e não era apenas eles que se surpreendiam com o crescimento de Delmiro, muitas pessoas chegavam a afirmar que a forma do seu rápido crescimento seria muito suspeita, e provavelmente não seria de origem lícita, no qual Delmiro respondia:

Si eles tivessem no sangue, nos nervos, nas faces, vergonha, e no organismo alguma coisa de energia e sentimento, deviam orgulhar-se de haver um homem do povo, pobre porém trabalhador; capaz de mostrar-lhes com exemplos que quem luta pela vida com honradez, actividade e perseverança, pôde conseguir uma posição na sociedade e, em vez de andarem pelas ruas, cafés, trens e proveitoso, que nobilita o homem e dá-lhe sempre o direito de confundir seus inimigos gratuitos"(GOUVEIA, 1 jan. 1898. p.2. *Apud* CORREIA, 1996, p.30).

Essa dedicação ao trabalho é algo que destaca bem o início do período republicano brasileiro, e que marcava também a industrialização, como podemos observar através dos relatos de Correia (1998), sobre a disposição do trabalho no início da República e sendo desvinculado o trabalho pesado do trabalho escravo no Brasil, e ainda, ressaltando a glorificação do trabalho no sistema republicano e industrial.

No Brasil de fins do século XIX, reinventar a ideia de significava desvinculá-la da noção negativa que carregava na sociedade escravocrata, em que essa atividade era tida como degradante e reservada aos indivíduos julgados inferiores (CORREIA, 1998 p.50).

Glorificando as virtudes do trabalho, buscava-se atualizar o código moral do trabalhador de modo a fazê-lo aceitar jornadas mais longas e regulares, ao mesmo tempo em que se promovia um novo ideal de patrão: O homem ativo, capaz e empreendedor. Ao contrário dos antigos senhores que se compraziam em ostentar o ócio, promovia-se um novo tipo de patrão enérgico e obstinado no trabalho (CORREIA, 1998 p.50).

Delmiro se enquadrava em todos esses requisitos de padrão ideal, e isso foi um fator muito importante para o seu crescimento econômico, em Recife ele foi responsável pela criação do mercado Derby, um dos maiores mercados brasileiros do final do século XIX, sendo comparado com shoppings centers visto nos tempos atuais. No Derby podiam ser



encontrar de tudo e os preços na sua grande maioria chegavam a ser mais baixos do que na concorrência, isso fazia com que Delmiro tivesse um forte monopólio econômico na cidade de Recife. A influência dele incomodava alguns políticos importantes que viam nele um possível problema para os planos políticos, Delmiro ainda tentou resolver essa situação de forma amigável, porém acabou se desentendo ainda mais com Rosa e Silva, vice-presidente brasileiro da época, o desentendimento foi tão grande que acabou resultando em uma agressão pública partida de Delmiro contra Rosa e Silva, logo em seguida no incêndio criminoso que destruiu o Derby.

Após os fatos ocorridos no Recife, Delmiro se viu obrigado a sair do país para evitar a perseguição política e acreditando que com o tempo os seus inimigos iriam esquecer as desavenças, porém quando ele finalmente retornou ao Brasil ficou claro que esse tempo não havia funcionando como o esperado, seus inimigos ainda o detestavam, e para piorar a situação Delmiro se engraça com Carmélia Eulina Amaral Gusmão, uma moça de 16 anos que era filha da amante de Sigismundo Gonçalves, na época governador de Pernambuco e um dos grandes rivais de Delmiro. Após esse acontecimento ele se muda para Alagoas ficando hospedado na fazenda Cobra, próximo ao município de Água Branca, logo depois Eulina vai morar com ele, lhe dando três filhos, Noêmia, Noé e Maria Augusta.

Delmiro decidiu se alojar permanentemente nessa região e comprou a fazenda Rio Branco, pra qual já tinha vários planos, um deles era utilizar a ferrovia construída em Pedra para retomar o seu comercio de Peles, logo ele conseguiu se reestruturar e obter tanto o monopólio do comercio de peles no Nordeste, como reconstruir toda a sua fortuna. Ele também tinha outros planos para a região como construir uma hidrelétrica utilizando as águas da cachoeira de Paulo Afonso e, posteriormente, utilizar a energia obtida para abastecer o polo industrial que ele planeja construir no sertão, essa pratica de levar os polos industrias para a zona rural já estava sendo bastante utilizado e trazia mais vantagens comparados aos núcleos industrias nas grandes cidades, como podemos analisar a partir de Correia (1998):

A preferência de industriais pela localização de fábricas no campo explicava-se tanto por fatores econômicos – proximidade de fontes de energia e abundância de terrenos baratos- quanto por fatores sociais- expressos no desejo de obter maior controle sobre os operários que empregavam. O núcleo fabril é simultaneamente produto de necessidade e de intenção (CORREIA, 1998 p.78).



É notável as vantagens de se construir polos industriais na zona rural, ou perto de campos, já que a proximidade das fontes de matéria-prima tanto diminui o valor gasto com transporte como também o tempo de espera para conseguir essas matérias e Delmiro como um grande empreendedor e empresário logo percebeu que essa seria uma ótima aposta, após a ramificação da usina hidrelétrica, ele começa a planejar a construção da Fábrica de Linhas, com a intenção de implantar um núcleo fabril na região.

O núcleo fabril construído por Delmiro era caracterizado pela sua organização, ele mesmo fazia questão de fiscalizar tudo que acontecia dentro do núcleo e controlar cada detalhe, sendo conhecido como um homem muito rigoroso e organizado nada poderia sair do seu controle, como vemos a seguir nos relatos sobre o funcionamento do núcleo fabril da Pedra:

As casas localizadas nas esquinas dos quarteirões eram maiores e melhores. Tinham por volta de 230m de área construída, cinco quartos, três salas, despensa, cozinha e sanitário com água encanada, além de um amplo quintal, com saída independente. Destinavam-se aos encarregados, os professores, o médico, o farmacêutico, o engenheiro e outros funcionários gabaritados, os quais se responsabilizavam, pessoalmente, pela ordem e o asseio das demais moradias do quarteirão. Esses habitantes privilegiados foram transformados em uma espécie de “fiscais de quarteirão”, eram os olhos de Delmiro e respondiam por tudo o que ocorria na vizinhança. E, mesmo nessas casas melhores, os moradores eram obrigados a manter as portas e janelas abertas, não escapando da inspeção diária do intransigente e austero chefe (GONÇALVES, 2010, p. 271 apud NASCIMENTO, 2014, p. 196).

Ele fazia questão de inspecionar tudo e de sempre manter o controle, analisando inclusive a higiene individual dos funcionários, fiscalizando os namoros, chegando até a obrigar os rapazes a se casar, caso mexessem com as suas funcionárias, Delmiro não tinha pena nenhuma de aplicar punições se achasse necessário, inclusive ele possuía poder para atuar como polícia dentro do núcleo, dados pelo próprio Governador do Estado, assim as punições eram aplicadas sempre que algum funcionário desobedecia as regras impostas, como relata Gonçalves (2010):

Eram aplicadas, seja por Delmiro, qualquer chefe encarregado ou fiscal, para quem infligisse alguma das regras, tais como: Cuspir ou atirar detritos ou cascas de frutas no chão (detalhe importantíssimo, a penalidade era para o “dono” da casa); manter a casa escura ou trancada; usar chapéu dentro das residências, usar camisa fora da calça, se apresentar sujo, sem estar barbeado ou mal vestido; andar descalço; responder ou desobedecer aos fiscais, chefes e encarregados; fazer barulho fora do horário ou



brigar. Também tinha multa para o pai, mãe ou responsável que deixasse de justificar a falta da criança na escola ou não cobrasse a realização das tarefas diárias; para quem desrespeitasse os velhos, pais ou mães; maltratasse os animais; andasse armado; praticasse jogos de azar; fizesse uso de bebidas alcoólicas; usasse o tradicional xale das sertanejas (Ofensa considerada gravíssima) que escondia a cabeça e parte do colo, normalmente desleixados e sujos; enfim, para qualquer prática considerada inadequada ou imprópria à comunidade. A tolerância era zero e os valores simbólicos variavam de um mínimo humilhante de 200 reis, podendo chegar a 2\$000 réis- [...]. O dinheiro arrecadado ia para uma espécie de caixa beneficente, administrada por funcionários de confiança dos operários e posteriormente revertido em proveito da comunidade (GONÇALVES, 2010, p. 275 *apud* NASCIMENTO, 2014, p.201).

Delmiro moldava seus funcionários ao seu próprio modo, já que a maioria deles eram sertanejos sem muitas instruções e que, possivelmente, não foram criados com essa rigidez, nem com esses hábitos, como por exemplo, o uso de xale, de álcool e do porte de armas eram coisas comuns no cotidiano dos sertanejos, mas são vetados por Delmiro dentro do núcleo esse fato nos leva a questionar qual o tipo de funcionário que buscavam recrutar para o trabalho na fábrica da Pedra, Santos (1947) auxilia nessa análise quando traz a seguinte informação:

A maioria do operariado era brasileiro, recrutado na população bronca do sertão bravo, o qual, recebendo os ensinamentos do chefe e dos profissionais contratados para amestrá-lo, tornara-se dentro de pouco tempo hábil no manejo de todos os aparelhos e de toda a maquinaria e, ainda hoje, são esses nativos que Delmiro instruiu e mandou instruir, os mesmos que executam as mais difíceis tarefas concernentes ao serviço eletrônico e fabril que se desenvolvem na Pedra nesta segunda fase (SANTOS, 1947, p.36 *apud* NASCIMENTO, 2014, p. 78).

Delmiro procurava pessoas que realmente tivessem dispostas a trabalhar e que aceitassem as suas imposições, sendo muito rígido, principalmente na higiene e na educação, as crianças eram obrigadas a estudarem e caso faltassem a aula sem motivos, os seus pagariam multas ou até mesmo estariam sujeitos a sofrerem castigos físicos, os seus funcionários analfabetos também deviam frequentar aulas no turno noturno para aprenderem a ler e a escrever. Apesar do seu jeito autoritário e muitas vezes cruel, ele moldava seus funcionários para se tornarem cidadãos instruídos, o que faz com que os moradores do núcleo Pedra já destoassem um pouco dos outros sertanejos, que na sua maioria eram vistos como pessoas ignorantes e atrasadas.



Delmiro Gouveia morreu em 1917, apenas quatro anos depois do início do funcionamento da fábrica de linhas e do núcleo fabril, assassinado como no relato a seguir:

Noite 10 de outubro de 1917, Pedra, sertão de Alagoas. Seguindo um velho hábito, Delmiro Gouveia sentou no alpendre do seu chalé, localizado fora do perímetro da vila operaria erguidas para os seus empregados, lugar em que costumava receber as suas amantes, para ler os jornais. Ajeitou-se sob a lâmpada. O silêncio noturno foi quebrado pelos sons de disparos. Gouveia percebeu que foi alvejado. Não demorou e tombou. Arrastado para dentro de casa, ainda foi atendido. Em meio a sangue, perguntou pelos *cabras* que fizeram o serviço, rogou a proteção de uma santa e morreu (LIMA JÚNIOR, 1983, p. 18 *apud* MAYNARD, 2008, p.13).

Delmiro foi alvejado na porta da sua casa, realizando uma tarefa cotidiana, contudo mesmo morrendo de uma forma tão prematura conseguiu realizar a proeza de deixar seu núcleo fabril famoso por todo o Brasil, Pedra. Ao mesmo tempo que fazia oposição aos outros movimentos que apareceram no sertão, entre o final da monarquia e o início da República brasileira, também servia de propaganda para o sistema Republicano que estava sendo instaurado no Brasil.

Pedra era visto como um modelo a seguir, um modelo para a forma que o Brasil deveria funcionar, a forma bruta como Delmiro tratava o seus funcionários era totalmente ignorada, sendo sempre enaltecida como o modo ideal de civilização, por isso Pedra recebia constantes visitantes que queriam ver com os próprios olhos aquela comunidade, como observa-se em Correia (1996) ao falar sobre Pedra:

Aparecia como modelo a ser seguido pelo resto do Brasil, como fórmula para a superação do seu "atraso", como receita para integrar os vastos sertões no esforço de desenvolvimento da nação. Homens interessados numa "solução" para o País - sobretudo dirigentes e intelectuais - voltaram seus olhos para ela. O interesse provocado por Pedra junto a estas pessoas fica evidenciado pelo número dos que a visitaram. Apenas no curto período em que Delmiro esteve no seu comando (1914-1917), Pedra foi visitada, entre outros, por. Assis Chateaubriand, Mano Meio e Punho Cavalcanti (jornalistas); Manoel Borba e João Batista Acirole (governadores); José Bezerra (ministro); Meroveu Mendonça e Eusébio Brandão (juizes); Arnaldo Bastos, Eutrópio Silva e Antônio Vicente (deputados); Bastos Tigre, Eugênio Gudín, Oliveira Lima, Raul Azedo e Saturnino de Brito. Alguns destes visitantes - sobretudo Chateaubriand e Plínio Cavalcanti - lançaram através de seus escritos as bases iniciais para os mitos de Delmiro como industrial exemplar e de Pedra como comunidade perfeita e protótipo da ação necessária para superar o "atraso" do Sertão (CORREIA, 1996, p. 47-48).



É notável que o núcleo Fabril Pedra despertava bastante curiosidade, o que mais surpreendia as pessoas era a localidade em que esse projeto foi desenvolvido, Delmiro não tinha criado apenas um protótipo de comunidade perfeita, tinha criado essa comunidade no Sertão, o mesmo sertão de Antônio Conselheiro e do Padre Cícero, que passava a ideia de atraso em relação ao resto do mundo, Chateabriand (1917) depois de realizar uma visita a Pedra expõem esse sentimento

Chatô afirmou ainda: “Pedra começa a resgatar o assalto de Canudos, incorporando a cidade a civilização”. Não por acaso, o texto foi batizado de “Uma resposta a Canudos”. O autor elogiava a ação de Delmiro que “para combater a ignorância, o fanatismo religioso, serve-se também, de maquinas, engenhos de indústria humana, que em vez da morte e da destruição, ensinam o sertanejo e o jagunço o trabalho fecundo que educa, civiliza e aperfeiçoa (CHATEABRIAND, Assis. Uma resposta a canudos. Diário de Pernambuco. Recife, 10 set. 1917. P.03 *Apud* MAYNARD, 2008, P.43).

Chega a ser inevitável as comparações entre a comunidade criada por Delmiro e a comunidade de Antônio Conselheiro, embora as duas comunidades abrigassem pessoas que fugiam do seu atual modo de vida, sendo a seca ou algum tipo de problema política, elas funcionavam com um sistema totalmente diferente, Canudos ia contra as ideias de República e tinha grandes características religiosas, o que era algo comum para o sertanejo da época que, ao mesmo tempo, utilizava da fé para suportar as dificuldades do sertão, possuía uma religiosidade distinta da religiosidade implantada nas capitais, enquanto que Pedra era focada basicamente no sistema fabril, seus moradores eram na sua grande maioria funcionários da fábrica e mesmo os que não trabalhavam tinham a sua rotina toda controlada para auxiliar no funcionamento do núcleo fabril, também era nítida como Pedra demonstrava um características republicana, tanto que chegou a ser utilizada como propaganda do regime Republicano, como afirma Nascimento (2014):

A experiência industrial da Pedra foi , de fato, utilizada como propaganda do regime republicano, marcado no Brasil, por contradições e divergências de ordem política e ideológica, por ter os primeiros passos do regime inaugurado em 1889, resultado da paradoxal convergência de interesses diversos e militares e fazendeiros de café, duas forças sociais empenhadas na luta pela consolidação desse regime político: enquanto os militares defendiam um federalismo moderado e centralização do poder nas mãos da União , os senhores latifundiários defendiam a autonomia dos Estados e o favorecimento do núcleo agrário exportador em detrimento de setores ligados ao mercado interno (NASCIMENTO, 2014, p. 30-31).



Para se falar sobre o desenvolvimento do povoado Pedra, se faz extremamente necessário falar sobre a pessoa de Delmiro Gouveia como afirma Telma Correia “As representações de Pedra e de seu criador se confundem e se reforçam mutuamente” (Correia, 1998 P. 290). As histórias estão tão entrelaçadas que para entender o funcionamento de Pedra é necessário entender o empreendedor, que foi um personagem de grande importância para a construção do nordeste, seus feitos são discutidos em inúmeros livros e teses, e tendo o seu nome em várias reportagens que tem como tema destacar o desenvolvimento do nordeste, Nascimento(2014) vem destacando por ordem cronológica a aparição de esse personagem nas produções intelectuais.

Em meio as inúmeras descobertas num balanço feito para avaliar em que pé se encontrava a temática aqui referida, merecem registro, por ordem cronológica de divulgação, o que foi produzido por Assis Chateaubriand (1917), Oliveira Lima (1917), Plínio Cavalcante (1917), Adolpho Santos (1947), Gylberto Freire (1959), Mauro Moto (1961), Octávio Brandão (1962), Pedro Motta Lima (1962), Tadeu Rocha (1963), seguidos por Felix Lima Júnior (1963), Olympio de Menezes (1963), Alencar Araripe (1965), caio Mário de Vasconcelos (1974), Graciliano Ramos (1977), Francisco Magalhaes Martins (1979), Luiz Nunes Alves (1979), Jorge Oliveira (1984), Adalberon Cavalcanti Lins (1988), Hidelbrando Menezes (1991), Moacir Medeiros de Santana (1996), Frederico Pernambuco de Mello (1998), até chegar às teses de Telma de Barros Correia (1998) e de Dilton Cândido Santos Maynard (2008), sem se deixar de ter em conta o que escreveu Geraldo Sarno (2006), autor e diretor do único longa-metragem feito até hoje sobre Delmiro e ainda Vingt-Un Rosado (2001), David Roberto Bandeira da Silva (2007), Jacques marcovitch (2008), Mário de Andrade (2008), Alberto Cosme Gonçalves (2010) e Gilmar Teixeira (2011) (NASCIMENTO, 2014, pp. 21-22).

É notável como a temática Delmiro Gouveia tem sido bastante trabalhada por décadas, abordando vários aspectos relacionados com o seu nome, e também a existência de uma pequena lacuna cronológica na produção de trabalhos com essa temática, esses 30 de anos de silenciamento não ficaram despercebidos pelos intelectuais da época, como destaca Maynard (2013) sobre o posicionamento de Graciliano Ramos acerca do assunto polêmico: “em 1942, Graciliano Ramos chamava atenção para “um profundo esquecimento” que cobriu Delmiro e “amortalhou a indústria aparecida com audácia no sertão”. Com isto, “os cavalos despertos por Gouveia, adormeceram de novo na cachoeira magnífica” (MAYNARD, 2013, p.3). Esse silencio foi quebrado graças ao um projeto realizado na fundação Joaquim Nabuco¹ que, em 1963, realizou o centenário Delmiro Gouveia, incentivando a comunidade acadêmica a



produzir estudos sobre esse personagem, e é a partir dessas produções que conhecemos mais a fundo a biografia desse homem.

Esse silenciamento ocorrido sobre o industrial é uma forma de esquecimento, na qual podemos afirmar que Delmiro passou por etapa do esquecimento, na época em questão o foco de estudo havia sido modificado e isso é algo comum no uso da memória, como ela é mutável e flexível facilmente pode trocar a importância das memórias.

Observa-se que Delmiro construiu o núcleo fabril a partir das suas ideias, é como se o núcleo fosse uma extensão da pessoa e, para lembrar dessa construção, é importante lembrar o homem que a idealizou, sendo muito importante a preservação das memórias sobre o personagem Delmiro Gouveia e sobre o funcionamento de Pedra.

Essas memórias podem ser preservadas a partir das histórias contadas dos avós para as crianças, mas também a partir dos documentos e dos lugares de memória que preservam essa história, tal como, o museu, a biblioteca e o memorial que são lugares físicos responsáveis pela preservação das memórias. Elas também podem ser preservadas a partir da historiografia, como é o caso desses livros publicados sobre Pedra, citados acima, e também a partir dos inúmeros artigos que vem sendo produzidos sobre o tema com o incentivo das universidades que entendem a importância da preservação da memória para auxiliar nas construções identitárias.

Conclusão

Levando-se em consideração esses aspectos mencionados sobre os conceitos acerca da memória e da identidade não dá para negar a importância do uso das memórias para a construção identitária de um indivíduo e de uma comunidade, a memória não está ligada apenas as lembranças, mas também a lugares e personagens que carregam a história consigo.

É notável a importância que o personagem Delmiro Gouveia possui na História brasileira, principalmente no sertão nordestino, sua trajetória de trabalho caracteriza a formação do povoado Pedra, hoje cidade Delmiro Gouveia, sendo uma peça importante para a caracterização social dessa cidade e de seus cidadãos.



NOTAS

¹ Sediada no Recife em Pernambuco, foi fundada em 1949 com o propósito de preservar o legado histórico-cultural de Joaquim Nabuco, com ênfase nas regiões Norte e Nordeste.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CORREIA, Telma de Barros. **“Delmiro Gouveia: A trajetória de um industrial no início do século XX.”** 2007.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra: Plano e cotidiano operário no sertão** – Campinas, SP: Papyrus, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 2003.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O senhor da pedra: Os usos da memória de Delmiro Gouveia (1940/1980)** Recife, 2008.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Delmiro Gouveia e a educação na Pedra- 2.ed.-** Maceió: Viva Editora, 2014.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200- 212. Disponível em: Acesso em: 12 set. 2009.